



## APLICAÇÃO DE UMA ABORDAGEM EXPERIMENTAL PARA A INVESTIGAÇÃO DA INFLUÊNCIA LINGUÍSTICA CRUZADA EM APRENDIZES DE L2 E L3<sup>1</sup>

### APPLICATION OF AN EXPERIMENTAL APPROACH TO THE INVESTIGATION OF CROSS LINGUISTIC INFLUENCE IN L2 AND L3 LEARNERS

Giacomo Figueredo<sup>2</sup>  
Alexandre Kelmer de Barros<sup>3</sup>  
José Luiz Vila Real Gonçalves<sup>4</sup>

**Resumo:** A pesquisa investiga a Influência Linguística Cruzada (ILC) objetivando identificar características do fenômeno que a produz, partindo da distância entre as línguas e direção da influência. Para tanto, analisa a produção escrita e oral de nove sujeitos multilíngues, aprendizes de língua estrangeira, realizada em condições experimentais, mediante a qual foram investigadas as hipóteses: (i) a distância entre as línguas está correlacionada à ILC e (ii) a direção da influência é dependente da distância. Do experimento, extraíram-se dados da produção dos sujeitos em quatro línguas, averiguando as hipóteses da pesquisa. Os resultados sugerem uma correlação entre a distância e a ILC. Já a direção da influência não se correlaciona necessariamente com a direção do aprendizado (L1 à Ln).

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada em contextos multilíngues; Influência linguística cruzada (ILC); pesquisa empírica; exometria.

**Abstract:** The research investigates the Cross Linguistic Influence (CLI) aiming to identify characteristics of the phenomenon that produces it, starting from the distance between the languages and the direction of the influence. To this end, it analyzes the written and oral production of nine multilingual subjects, foreign language learners, carried out under experimental conditions, through which the hypotheses were investigated: (i) the distance between the languages is correlated to the ILC and (ii) the direction of influence is dependent on distance. From the experiment, data on the subjects' production in four languages were extracted, verifying the research hypotheses. The results suggest a correlation between distance and ILC. The direction of influence is not necessarily correlated with the direction of learning (L1 to Ln).

**Keywords:** Applied Linguistics in multilingual contexts; Cross-linguistic influence (CLI); empirical research; exometry.

---

<sup>1</sup> Agradecemos aos pareceristas que colaboraram no processo de avaliação.

<sup>2</sup> Professor Associado da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Ouro Preto, MG, Brasil.  
[giacomojakob@gmail.com](mailto:giacomojakob@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0967-244X>

<sup>3</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Ouro Preto, MG, Brasil. [alexkelbarros18@gmail.com](mailto:alexkelbarros18@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7731-1008>

<sup>4</sup> Professor Associado da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Ouro Preto, MG, Brasil.

[zeluizvr@ufop.edu.br](mailto:zeluizvr@ufop.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4669-2677>

## 1. INTRODUÇÃO<sup>5</sup>

Na qualidade de área interdisciplinar do conhecimento, a Linguística Aplicada procura resolver problemas linguísticos (Halliday, 2007; Mahboob e Knight, 2010; Weber e Horner, 2012) que se apresentam em contextos reais de uso da língua, que podem variar desde o ensino de línguas (Spolsky e Hult, 2008) e a tradução (Catford, 1965), até questões de comunicação intercultural (House, 2020) e o lugar ocupado pela língua na vida dos sujeitos sociais (Moita Lopes, 2009). A Linguística Aplicada em contextos multilíngues se ocupa das mesmas questões, concentrada contudo nos problemas linguísticos que envolvem mais de uma língua, dentro dos espaços que se denominam 'ambientes multilíngues' (cf. Matthiessen et al., 2008), uma vez que um ambiente multilíngue se estabelece por meio de qualquer relação entre línguas.

Nesse contexto, ganha destaque para os propósitos desta pesquisa a Influência Linguística Cruzada (Gutierrez-Mangado et al., 2019), que se funda, primeiramente, na necessidade de resolver problemas de ensino de línguas em contextos multilíngues, a partir da qual se estabelece um conjunto de princípios que compartilham interesses de pesquisa, objetivos e metodologias mediante a observação de fenômenos relativos à transferência de categorias entre línguas (como no caso de bilíngues), uso simultâneo dos recursos de mais de um sistema linguístico (como no caso de aprendizes) de forma a serem atribuídas a outras línguas (cf. Cenoz, 2001, 2013; Rothman et al. 2014).

A presente pesquisa parte dos estudos de Linguística Aplicada em contextos multilíngues – em específico da Influência Linguística Cruzada (ILC) – e visa identificar características do fenômeno que produz a influência em aprendizes de línguas estrangeiras a partir de dois de seus componentes – a distância entre as línguas e a direção da influência. Assim, tenciona descrever mecanismos que permitem compreender a Influência Linguística Cruzada (doravante ILC) no que diz respeito a esses dois fatores, que assim compõem os objetivos de pesquisa. Determinam-se, assim, os objetivos: sob condições experimentais, (1) estabelecer parâmetros do grau de influência a partir da distância entre as línguas e (2) determinar em que medida a direção ( $L_n \rightarrow L_n'$ ;  $L_n' \rightarrow L_n$ ) condiciona a influência.

A distância entre as línguas é o fator que identifica a quantidade de sistemas que são compartilhados (total ou parcialmente) pelas línguas componentes de um determinado ambiente multilíngue (Chiswick e Miller, 2004). Uma vez que a distância é dependente dos sistemas compartilhados, qualquer variação sistêmica impacta a distância, que é, então, inversamente proporcional ao compartilhamento. Igualmente, fatores de modo de produção (oral e escrito), gênero textual, condição experimental (perfil de sujeitos), assim como outras variáveis independentes, influenciam a distância. Para alcançar o objetivo (1), esses fatores são considerados na pesquisa e tomam aqui parte da análise exométrica – ou aquela pautada pela distância entre as línguas a partir do grau exométrico em um ambiente multilíngue (Barros, 2020).

A direção da influência é o fator que identifica variações na instanciação de uma determinada opção de um sistema da língua  $L_n$  que pode ser atribuída – segundo um conjunto de parâmetros metodológicos e de análise (Chiswick e Miller, 2004) – ao contato com uma outra língua  $L_n'$ . Em situação experimental, a produção linguística é condicionada por variáveis como tempo de aprendizado, idade e escolaridade, a ordem em que as línguas foram aprendidas, entre outras (Cenoz, 2001; Barros, 2020).

No caso em tela, a presente pesquisa, que tem caráter empírico, teve seus dados gerados a partir de um experimento com 09 sujeitos falantes de três línguas – português

---

<sup>5</sup>Agradecemos o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq no financiamento a esta pesquisa.

brasileiro (PB) como L1, inglês, espanhol ou francês como Ln –, que realizaram tarefas de produção linguística oral e escrita em todas as línguas. As produções foram analisadas, identificadas instâncias de influência e correlacionadas com distância e direção. As análises se concentraram em gerar dados da gramática e do gênero textual, desconsiderando-se, por agora, dados fonológicos. Igualmente, é importante ressaltar que os dados aqui apresentados têm caráter restrito ao experimental, uma vez que foram extraídos nesse contexto tendo, ainda, como L1 o português brasileiro. Espera-se, contudo, que sua aplicação possa servir a um escopo mais amplo em diferentes contextos multilíngues.

Com isso, a pesquisa procura elucidar melhor as relações entre a ILC e as relações que as línguas matêm entre si. Sabe-se, tanto pela literatura especializada quanto pela experiência dos falantes, que a distância entre as línguas pode influenciar a produção; igualmente, contextos de produção diferentes (ex.: tradução, L2) determinam quais línguas influenciam mais ou menos as outras. Os resultados deste artigo oferecem uma contribuição indicando como esses processos de influência podem acontecer.

## 2. ILC E PESQUISA EXPERIMENTAL

Devido ao fato de estar incluída na Linguística Aplicada em contextos multilíngues, a ILC parte de uma questão da vida social – as situações em que a produção de significado se dá, necessariamente, por mais de uma língua – e descreve a forma como os recursos de uma língua podem influenciar a produção de outra língua, redefinindo conceitos como 'primeira, segunda... enésima língua', 'direção da influência' e 'bi/multilinguismo' de forma técnica (Cenoz, 2001; De Angelis, 2007). A pesquisa em ILC focaliza, por conseguinte, a influência que ocorre entre as línguas em um determinado ambiente multilíngue, ressaltando-se que o ambiente mais investigado na pesquisa em ILC é o do sujeito que fala mais de uma língua (L1, L2, L3... Ln) em condições experimentais de produção de texto (Tremblay, 2006).

A natureza experimental (Cenoz, 2013) dos dados nas pesquisas de ILC se deve, em primeiro lugar, à possibilidade de manipulação de variáveis, tendo em vista o grande número de fatores envolvidos em uma produção linguística. Por exemplo, a produção na prática discursiva de aprendizes de língua estrangeira (De Angelis, 2007; Fonseca, 2014), ou a prática de pesquisadores nas observações empíricas (Ecke, 2001; Cenoz, 2001, 2013, Barros, 2020).

Ainda, o desenvolvimento de pesquisas sobre ILC desenvolve diferentes modelos que procuram explicar aspectos parciais desse fenômeno, tais como emprego de léxico multilíngue (Hall e Ecke, 2003), estratégias de aprendizado (Dewaele, 1998), o status da L2/Ln e transferência linguística (Hammarberg, 2001), interlíngua (Selinker e Glass, 2008, Shuttleworth e Cowie, 2014), ou ainda o modelo Interação-Transferência (Cenoz, 2001). Esses modelos possuem uma mesma base empírico-experimental, que parte da observação da produção de aprendizes de língua estrangeira.

Com isso, o poder explanatório dos modelos é, igualmente, derivado da natureza empírico-experimental. Embora não haja uma teorização sistemática da ILC, existe consenso quanto à sua manifestação como fenômeno, que pode ser definido como um conjunto de conhecimentos de um sujeito multilíngue dos recursos de uma língua, e subsequente produção em outras línguas na qual se observam esses recursos (Solis, 2015). O fenômeno, mediante essa definição, é generalizado como 'distância entre as línguas' e 'direção da influência' (cf. Wang, 2013; Barros, 2020).

Mediante a proposta de contribuir com os estudos no campo da Influência Linguística Cruzada, investiga-se aqui um tipo particular de relação entre línguas – aquela em que se observa a influência de uma língua sobre outra em contextos multilíngues (Sharwood e Kellerman, 1986). Mais especificamente, a influência que se dá quando ocorre segundo os fatores: direção (Trembley, 2006) e distância entre línguas (Chiswick e Miller, 2004; Crystal, 1997). Ademais, a investigação foi conduzida de modo experimental.

A contribuição principal da pesquisa deve ser, portanto, iluminar aspectos da produção multilíngue para os quais há influência entre as línguas a partir de uma abordagem experimental e dados empírico-experimentais de aprendizes de L2 e L3. Assim, almeja-se responder às seguintes perguntas: dentro da condição experimental da pesquisa, (a) qual é a correlação entre distância entre as línguas e ILC e (b) qual é a correlação entre a direção da influência e o grau de ILC.

### 3. DISTÂNCIA E DIREÇÃO ENTRE AS LÍNGUAS

#### 3.1 A distância

Uma das formas de mapeamento da ILC se dá por meio da distância entre as línguas (Tavakoli, 2012). Essa distância compreende o grau relativo de similaridade e diferença entre línguas, que pode ser observado em sua constituição tipológica a partir dos sistemas (Caffarel et al., 2004) e estruturas das línguas (Haspelmath et al., 2005).

As descrições a partir de critérios formais apontam que as línguas que possuem características semelhantes – isto é, compartilham categorias – são consideradas próximas para, exatamente, essas categorias (Chiswick e Miller, 2004). Por conseguinte, quanto maior o compartilhamento, mais próximas são as línguas (Comrie et al., 2005).

Uma hipótese já averiguada pelos estudos de ILC acerca da distância é que ela pode ser um fator para o aprendizado de novas línguas (Richards e Schmidt, 2002), o que abre espaço para novas questões que relacionem ILC e distância, como por exemplo a correlação entre distância e  $L_n \rightarrow L_n'$  (Giancaspro et al., 2014). Nesta pesquisa, o que se busca é uma tentativa de estabelecer a distância por meio do grau de ILC.

Sob um primeiro olhar, a medição da distância entre as línguas poderia sugerir alguma forma de quantificação. Contudo, isso nem sempre é possível uma vez que, na maioria dos casos, as quantidades são representações de categorias linguísticas discretas ou categóricas (cf. Agresti e Finlay, 1997; Gries, 2013). A medição, com isso, assume diferentes formas que, por sua vez, seguem critérios distintos para o estabelecimento de distância.

Como uma tentativa de uniformizar os critérios, esta pesquisa trabalha com o conceito de 'exo' (Barros, 2020). O 'exo' pode ser definido da seguinte maneira: em um ambiente multilíngue, é o fenômeno observado quando uma determinada produção linguística apresenta comportamento não-esperado que, por sua vez, pode ser atribuído a uma outra língua presente nesse mesmo ambiente multilíngue. Em outras palavras, o 'exo' é o fenômeno que causa uma perturbação (Lemke, 1984) (i.e., frequência ou comportamento não-esperados) na produção linguística à qual denominamos ILC. Igualmente, ao fenômeno 'exo' atribuem-se outros tipos de perturbações, tais como as de interlíngua, tradução e contato linguístico. 'Perturbação' é um termo técnico, portanto, e significa que em ambientes multilíngues quando as línguas presentes estão em relação de interlíngua ( $L_{materna}/L_{estrangeira}$ ), de tradução ( $L_{fonte}/L_{alvo}$ ) ou contato ( $L_{primeira}/L_{segunda}$ ), verifica-se um comportamento não-esperado das línguas.

Para esta pesquisa, a exometria foi adotada para a medição da distância entre as línguas. A exometria (Barros, 2020) é uma abordagem empregada no auxílio à identificação das distâncias entre as línguas a partir da natureza e frequência da influência  $L_n \rightarrow L_n'$ . Para essa medição, por conseguinte, levam-se em conta o tipo de influência (se no nível fonológico, lexical, gramatical, discursivo e assim por diante) bem com a quantidade de vezes que essas aconteceram em um determinado ambiente multilíngue. Com isso, a exometria foi desenvolvida para depreender o comportamento do fenômeno 'exo'.

A nossa motivação de realizar a separação entre o fenômeno 'exo', isto é, o fenômeno que é produzido pela relação entre línguas em um determinado ambiente multilíngue e a 'ILC', ou a perturbação na produção causada pelo exo, surge precisamente pela necessidade de medir o grau de ILC a partir da relação entre as línguas. Nesse sentido, uma ocorrência de exo pode provocar um grau maior ou menor de ILC que outra ocorrência.

Ainda, a exometria é uma abordagem que compreende o conjunto aplicações da ferramenta metodológica exo - derivada, pois, da observação do fenômeno exo. A ferramenta exo foi desenvolvida no contexto da pesquisa experimental com sujeitos. A aplicação da ferramenta permite identificar os diferentes aspectos da ILC em um ambiente multilíngue, a partir do exo produzido pelos sujeitos do experimento. A ferramenta é formada por um conjunto de categorias e subcategorias linguísticas e contextuais que, quando aplicadas a uma produção de um sujeito, possibilitam identificar o tipo de perturbação, quais elementos linguísticos (sistemas, estruturas e estratos) participaram na influência, bem como a relação com outras línguas.

### 3.2 A direção

Observam-se os efeitos de ILC sempre quando um exo acontece entre duas ou mais línguas. Dessa forma, pela própria constituição da observação, toma-se que a influência em uma língua tem como causa sua relação com outra língua em um ambiente multilíngue, ou  $L_n \rightarrow L_n'$ . A direção da ILC é, por conseguinte, o mapeamento realizado via observação do pesquisador desse processo.

Em condições experimentais, o ambiente multilíngue é definido como o conjunto universo que contém todos os recursos de todas línguas sob investigação. Sob essas condições, as línguas se tornam subconjuntos do ambiente multilíngue. Por conseguinte, o ambiente multilíngue se relaciona a uma determinada língua que dele faz parte. Cada ambiente multilíngue possui uma constituição particular no que tange ao número de línguas (de 1 a n), à quantidade de recursos que cada uma dispõe (línguas diferentes contribuem de forma diferente), ao tipo de relação entre as línguas (se bi/multilinguismo, tradução, contato, interlíngua etc.), e ao exo (incluindo sua frequência e direção).

Em um ambiente multilíngue, quaisquer línguas podem influenciar, ou sofrer influências, uma vez que não é possível estabelecer uma variável independente que determine a direção da influência (Figueredo, 2015). Por exemplo, se imaginarmos um ambiente que contenha as línguas russo, árabe e croata, não é possível fazer afirmações como 'o árabe influencia o croata, e o croata influencia o russo; mas o russo não influencia o árabe'. Em outras palavras, não há nada inerente aos sistemas linguísticos que determine quais deverão influenciar e de quais sofrerão influência. Assim, a influência sempre depende de algum outro fator. Exemplo: tradução russo  $\rightarrow$  árabe; língua materna croata  $\rightarrow$  língua estrangeira russo etc. (as setas podem indicar a direção da influência).

Com isso, em condições experimentais, é possível introduzir variáveis que enviem a direção, ou seja, estabelecem condições para que seja possível determinar uma direção entre as línguas. Este é caso de pesquisas com sujeitos multilíngues que (a)

aprenderam as línguas de maneira diacrônica – portanto  $L_n, L_{n'}...$  etc. se convertem em  $L_1, L_2, L_3...$  etc. – e (b) a distância entre as línguas varia relativamente à  $L_1$ .

No que diz respeito à direção, pode-se então levantar hipóteses acerca do comportamento do exo, como por exemplo, se sua direção obedece à ordem de aprendizado das línguas, ou segue ordem inversa, ou não apresenta qualquer relação com essa variável – isto é,  $L_1 \rightarrow L_n$  ou  $L_n \rightarrow L_1$  ou  $L_n \rightarrow L_{n'}$ . Além disso, é possível também verificar a hipótese da influência que a distância exerce sobre a direção: quanto mais próximas as línguas, maior/menor a influência da direção.

#### 4. METODOLOGIA

A pesquisa, que tem caráter empírico, teve seus dados gerados a partir de um experimento com 09 sujeitos falantes de três línguas (PB como  $L_1$ , inglês, espanhol ou francês como  $L_n$ ). Todos os sujeitos são aprendizes de línguas estrangeiras. A metodologia se dividiu em duas partes principais: 1) Metodologia de coleta e 2) Metodologia de análise, ambas descritas a seguir. Na metodologia de análise, ainda, foram realizados testes estatísticos não-paramétricos com amostras pareadas e não-pareadas.

##### 4.1 Metodologia de coleta de dados

O experimento foi desenhado tendo como base pesquisas empíricas anteriores, em particular aquela de Cenoz (2003), a qual utilizou um texto de linguagem visual, de imagens sequenciais, como fonte para a produção de textos de linguagem verbal pelos sujeitos para alcançar o objetivo de investigar a produção de ILC. Cenoz (2003) escolheu um texto do gênero narrativo (cf. Martin e Rose, 2007; Slobin, 1994), denominado "Frog, where are you?", obtendo sucesso em suas pesquisas e alcançando os resultados esperados.

No caso da presente pesquisa, seguiram-se os mesmos passos metodológicos, adotando também um texto visual com imagens sequenciais. Justifica-se esta metodologia pois, o objetivo principal da pesquisa foi detectar ILC na produção de  $L_2, L_3, L_n$ . O texto visual empregado nesta pesquisa pertence ao gênero Tira Cômica (Mendonça, 2002), denominado "Raquel e André". A escolha pela tira cômica se deveu ao fato de ser uma história do gênero narrativo – assim como em Cenoz (2003) –, contendo uma história sequencial, e igualmente pelo fato de que todos os sujeitos passaram pela educação formal no Brasil, tendo familiaridade portanto com o gênero e a relação entre linguagens visual e verbal.



FIG. 1. Excertos dos textos visuais "Frog, where are you?" e "Raquel e André", respectivamente utilizados em Cenoz (2003) e nesta pesquisa.

No que diz respeito aos sujeitos, para execução da pesquisa, foram selecionados 09 falantes de três ou mais línguas. Todos participaram de livre vontade da pesquisa. Os sujeitos têm curso superior completo, exceto S1 (Sujeito 1), que tem ensino médio incompleto, mas por falar três línguas se adequou às necessidades da pesquisa, sendo que os sujeitos S5 e S10 têm doutorado. Todos são brasileiros, aprenderam as línguas no Brasil e têm o português brasileiro como L1. Não foram levadas em consideração para a pesquisa em tela as informações dos sujeitos quanto à idade em que aprenderam cada uma das línguas.

O Quadro 1 a seguir traz o perfil dos sujeitos, incluindo as línguas (L1, L2, LN) (PB - português brasileiro; ING - inglês; ESP - espanhol; FRA - francês), os textos produzidos escritos (ES) e orais (OR), bem como seu nível de proficiência – medida através da aplicação de um teste de proficiência – conforme o Quadro Comum Europeu:

Quadro 1. Perfil dos sujeitos e textos produzidos

SUJEITO	L1	L2	L3	PROFICIÊNCIA			TEXTOS POR LÍNGUA	TOTAL DE TEXTOS
				C2	C1	C1		
S1	PB	ING	ESP	C2	C1	C1	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S2	PB	ESP	ING	C2	C1	A1	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S3	PB	ING	ESP	C2	C2	C1	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S4	PB	ING	ESP	C2	C1	B2	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S5	PB	ESP	ING	C2	C1	A2	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S6	PB	ING	FRA	C2	C1	B1	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S7	PB	ING	FRA	C2	B2	B2	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S8	PB	FRA	ING	C2	B2	B1	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
S10	PB	ING	ESP	C2	C1	B2	01 OR 01 ES	03 OR 03 ES
TOTAL							09 OR 09 ES	27 OR 27 ES

Fonte: Desenvolvido para esta pesquisa.

Após entrevista, para averiguar o perfil dos sujeitos, realizaram-se tarefas de produção linguística. Para cada sujeito, foi pedido que produzisse um texto escrito e um texto oral em L1, L2 e L3, perfazendo um total de seis tarefas. O texto a ser produzido é a história (Figura 1), pertencente ao gênero narrativo. As tarefas foram distribuídas aos sujeitos de forma aleatória – três sujeitos realizaram primeiramente as tarefas em L1, quatro sujeitos, primeiramente em L2, e quatro sujeitos, primeiramente em L3. Os sujeitos realizaram as tarefas individualmente, sem ajuda do pesquisador, sem consulta a qualquer fonte externa ou outro material.

Cada tarefa, com cada sujeito, foi realizada em horários diferentes e dias diferentes (uma tarefa por semana, no horário em que o sujeito tivesse disponibilidade. Estabeleceu-se que as tarefas da atividade escrita teriam duração máxima de 30 minutos e as orais um tempo máximo de 20 minutos. Esse desenho experimental reproduz a metodologia de pesquisas anteriores que, por conta do espaço neste artigo não pode ser descrita em mais detalhes. Para referência, conferir Cenoz (2003) e Barros (2020).

Foram produzidos 54 textos, sendo 27 escritos e 27 orais. O S1, por exemplo, que tem PB como L1, inglês como L2 e espanhol como L3, produziu 3 textos escritos e outros 3 orais - perfazendo um total de 6 tarefas de produção textual. Para cada sujeito, a sequência das línguas e modo (escrito ou oral) e tarefa de produção textual foram

estabelecidas por sorteio, no período de quatro meses, para assim minimizar influências de variáveis externas, como a produção do mesmo texto tanto na escrita como na oral.

Após as tarefas de produção, os textos foram compilados e armazenados em um arquivo dedicado à análise. Os textos escritos foram armazenados em formato eletrônico e os orais foram transcritos. Ressalta-se que não foram considerados elementos fonéticos e fonológicos por não serem objeto da pesquisa. Os 54 textos foram compilados e segmentados em 804 orações, que se tornaram o corpus para análise do trabalho.

#### 4.2 Metodologia de análise de dados

Após a segmentação, identificaram-se as orações com ocorrências de exo, que somaram 88 orações (ou 10,94%). Esse procedimento se deu por meio da análise dos exos das orações segundo as categorias lexical, gramatical e gráfica, procurando-se assim determinar a natureza do exo. Ainda, os exos foram analisados segundo as subcategorias de classes gramaticais (substantivos, verbos, advérbios, adjetivos, conjunções, preposições, pronomes e artigos) às quais pertenciam em cada oração. Com isso, o que permitiu a identificação das ocorrências de exo a partir da observação de configurações linguísticas não esperadas nas produções foi a análise das categorias linguísticas.

Cumpram-se ressaltar, uma vez que o foco principal da pesquisa em tela foi averiguar a pertinência da metodologia empírico-experimental aliada à identificação do comportamento da influência linguística, que as categorias linguísticas analisadas não foram retiradas de alguma teoria em particular, mas determinadas tendo como base as classes gramaticais descritas para cada língua em PB (Bechara, 2009), inglês (Alexander, 1994; Hewings e Haines, 2015), francês (Kordgien, 2004) e espanhol (Llorach, 2000).

A subsequente análise dos exos encontrados empregou a exometria. Por conseguinte, através da ferramenta metodológica, os exos foram identificados e uma etiqueta foi atribuída a cada ocorrência (para explicação aprofundada, consultar Barros 2020). A ferramenta metodológica exo foi desenvolvida para: 1) identificar onde houve exo de uma língua sobre outra, além de mostrar onde ocorreu e em que categoria e subcategoria da língua; 2) detalhar que língua sofre mais exo, que língua mais causa exo; 3) identificar a direção do exo de uma língua sobre outra; 4) mostrar que fator (a estrutura ou origem da língua, por exemplo) foi o principal causador do exo.

Dessa forma, conseguiu-se identificar quais línguas foram fonte para os exos. De igual maneira, observaram-se as línguas que mais foram alvo de exos, além do estabelecimento da direção do exo. Os exemplos 1 e 2 a seguir ilustram esse processo:

Exemplo 1:

#### Quadro código 076: Sujeito 5 – Língua 2 – Oral – Ocorrência 3

Sujeito, língua e linha da ocorrência	Exo (1) e esperado (2)	Etiqueta e número da ocorrência
<b>S5 L2 OR</b>		
17	(1) “...continuaron <i>se encontrando</i> ...”	i.1.4.a.E.(IV)
	(2) “...continuaron <i>encontrándose</i> ...”	(03)

Fonte: Desenvolvido para este projeto

A nomenclatura empregada no exemplo define os códigos relativos às categorias de análise de exos para a ILC. Na primeira coluna de anotação (cf. Exemplo 1), S1, S2 etc. se referem ao sujeito; L1, L2, L3 dizem respeito à língua que o sujeito fala, ES ou OR, se a produção foi escrita ou oral e l indica a linha em que se encontra o exo na



produção textual do sujeito. S5L2OR17 indica que o sujeito 5, espanhol como L2, oral e exo encontrado na linha 7 da transcrição.

Na última coluna, da etiqueta, i) indica se houve ILC; números de 1 a 7 indicam qual o tipo de ILC (gráfico, gramatical, lexical etc.); letras de (a) a (d) indicam as línguas (português brasileiro, espanhol etc.) que causam ILC; as letras maiúsculas indicam a categoria linguística sobre a qual a influência incide (substantivo, adjetivo, verbo, conjunção, gênero textual etc.); por fim, os algarismos romanos de I a IV apontam qual língua sofreu influência. Assim i.1.4.a.E.(IV) indica que houve ILC, do tipo externo e gramatical, causado pelo PB, no verbo do espanhol.

A análise do exemplo partiu da descrição na gramática espanhola (Llorach, 2000) dos verbos reflexivos pronominais, a qual indica que, em conjugação da forma não-finita do gerúndio, não admitem próclise (*se encontrando*), mas somente ênclise (*encontrándose*).

Uma vez que em português brasileiro a construção é possível, mas com uso de hífen (*encontrando-se*), o texto de S5 apresenta um exo '*se encontrando*', o qual aqui pode ser observado como influência do português brasileiro sobre o espanhol. A etiqueta **i.1.4.a.E.(IV)** para a ocorrência indica que S5 produziu em uma língua um recurso de outra, causando ILC verificada na categoria gramatical.

Exemplo 2:

#### Quadro código 002: Sujeito 1 – Língua 2 – Escrita – Ocorrência 2

Sujeito, língua e linha da ocorrência	Exo (1) e esperado (2)	Etiqueta e número da ocorrência
<b>S1 L2 ES</b>		
<i>l7</i>	(1) “...Mary starts to think about <i>have</i> a child...”	i.2.4.a.E.(II)
	(2) “...Mary starts to think about <i>having</i> a child...”	(02)

Fonte: Desenvolvido para este projeto

Conforme a descrição da língua inglesa adotada como parâmetro para esta pesquisa (Hewings e Haines, 2015, p. 169), os verbos empregados após preposições como ‘*about*’ são seguidos pelo particípio presente, ou forma ‘*-ing*’, nas nominalizações de orações subordinadas.

No Exemplo 2, S1 realiza um exo pois utiliza um recurso do português brasileiro - a nominalização de oração subordinada a partir da forma infinitiva do verbo. Uma vez que este exo pode ser identificado em operação da gramática, é caracterizado como exo no nível gramatical, pois o sujeito aplica uma regra de gramática da língua portuguesa brasileira na língua inglesa. Dessa maneira, o exemplo pode ser classificado na forma da etiqueta **i.2.4.a.E.(II)**: exo na língua inglesa, influenciado pelo recurso de outra língua, gramatical, motivado pela língua portuguesa brasileira.

## 5. ANÁLISE

### 5.1 Perfil geral da produção dos sujeitos

A partir do experimento, os sujeitos produziram um total de 804 orações somando-se as diferentes línguas, dentre as quais 88 apresentaram exos. A distribuição das orações por sujeito pode ser vista na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição e frequência das orações por sujeito por língua

	orações sem exo		orações com exo		L1	L2	L3	total
	no.	freq. relativa %	no.	freq. relativa %				
S1	72	86,74	11	13,26	30	28	25	83
S2	51	72,85	19	27,15	29	25	16	70
S3	96	84,95	17	15,05	46	43	24	113
S4	68	88,31	9	11,69	27	30	20	77
S5	49	81,66	11	18,34	21	24	15	60
S6	153	97,45	4	2,55	59	55	43	157
S7	62	93,93	4	6,07	28	22	16	66
S8	105	97,22	3	2,78	44	31	33	108
S10	60	85,71	10	14,29	28	16	26	70
total	716	89,06%	88	10,94%	312	274	218	804

TESTE DE WILCOXON. Significativo quando  $p \leq 0,05$ . L1x L2 = 0,027; L2 x L3 = 0,037; L1x L3 = 0,002.

Fonte: Desenvolvido para este projeto

A Tabela 1 mostra que, do total de orações produzido pelos sujeitos cerca de 10% apresentaram exos. O número de orações com exo para cada sujeito variou entre 3 e 19, sendo sua média de 9,77. Ainda, o número geral de orações em L1 é significativamente maior que em L2, que é significativamente maior que em L3. Com isso, a ordem de aprendizado das línguas influencia na quantidade de produção textual, mas não necessariamente de exos. O teste de Wilcoxon foi aplicado por se tratar de comparação de amostras pareadas não paramétricas (L1 e L2; L2 e L3; L1 e L3).

A quantidade de exos foi 279, distribuída entre os sujeitos conforme a Tabela 2. Os dados dessa tabela são relevantes para pesquisa porque a medida representativa para a presente discussão é exatamente a de **exos por oração**.

Tabela 2. Distribuição de exos nas línguas e média por oração dos sujeitos

	orações totais	orações com exo	L1	L2	L3	exos totais	média exo/oração	média exo/oração com exo
S1	83	11	0	2	9	36	0,43	3,27
S2	70	19	0	16	3	65	0,93	3,42
S3	113	17	2	1	14	54	0,48	3,17
S4	77	9	0	1	8	31	0,40	3,44
S5	60	11	0	9	2	29	0,48	2,63
S6	157	4	0	0	4	16	0,10	4,00
S7	66	4	0	1	3	9	0,25	2,25
S8	108	3	0	1	2	7	0,33	2,33
S10	70	10	0	0	10	32	0,20	3,20
total	804	88	2	31	55	279	0,17	3,17

Fonte: Desenvolvida para este projeto

Na distribuição por sujeitos, a média variou entre 0,10 e 0,93 exos por oração. A quantidade de exos por orações com exo indica a concentração de exos e a média geral foi de 3,17 exos para cada uma delas. A partir dessa média, torna-se possível investigar as hipóteses da pesquisa relativamente à direção da ILC e distância entre as línguas. Por exemplo, é possível comparar as médias em L1 e L2 ou L3, e averiguar se existe uma diferença significativa na média de exos/oração com exo nas línguas.

## 5.2 Produção de exos e sua relação com as variáveis: direção da ILC

De uma forma geral, a direção da ILC está relacionada à maneira como as línguas são comparadas segundo algum critério relativo a uma dessas línguas. Em uma comparação de Ln com Ln', podemos escolher, por motivação da pesquisa, Ln como parâmetro e comparar Ln' com esse parâmetro, ou tomar Ln' como parâmetro e com ela comparar Ln.

No caso da presente pesquisa, o critério adotado foi a ordem de aprendizado das línguas (L1, L2 e L3) e o parâmetro foi a primeira língua aprendida, o que, no caso de todos os sujeitos foi a língua de socialização, ou língua materna, L1. Com isso, a direção foi estabelecida como  $L1 \rightarrow L2 \rightarrow L3$ . A partir dessa direção, podemos averiguar sua relação com a produção de exos pelos sujeitos do experimento. A distribuição e frequência das orações com exos por ordem das línguas dos sujeitos é apresentada na Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição e frequência de orações com exos por sujeito e ordem das línguas

	exos L1		exos L2		exos L3		total
	no.	freq. rel. %	no.	freq. rel. %	no.	freq. rel. %	no.
S1	0	0	2	18,19	9	81,81	11
S2	0	0	16	84,21	3	15,79	19
S3	2	11,76%	1	5,88	14	82,36	17
S4	0	0	1	11,12	8	88,88	9
S5	0	0	9	81,81	2	18,19	11
S6	0	0	0	0	4	100	4
S7	0	0	1	25	3	75	4
S8	0	0	1	33,33	2	66,66	3
S10	0	0	0	0	10	100	10
total	2	2,27%	31	35,22%	55	62,50%	88

TESTE DE WILCOXON. Significativo quando  $p \leq 0,05$ .  $L1 \times L2 = 0,016$ ;  $L2 \times L3 = 0,125$ ;  $L1 \times L3 = 0,002$ .

Fonte: Desenvolvida para este projeto

A Tabela 3 permite observar que a distribuição das orações com exos se dá de forma tal que a L1 foi a que menos apresentou orações com exos, respondendo pela frequência relativa de 2,27%; na L2, por sua vez, foram produzidas 31 orações com exos com frequência de 35,22%; e, por fim, a L3 respondeu por 55 orações com exos, ou 62,50%. De uma maneira geral, verifica-se uma relação entre a quantidade de exos e a direção das línguas. No caso, essa relação é inversa à ordem de aprendizado, sendo a L1 com menos exos e a L3 com mais exos. Além disso, o incremento no número de exos também se dá de forma distinta na comparação entre as línguas. De L1 para L2, o aumento na produção de exos foi de 15,5 vezes, e de L2 para L3 foi de 1,6 vezes. Novamente nesse caso, o teste de Wilcoxon foi aplicado por se tratar de comparação de amostras pareadas não-paramétricas (L1 e L2; L2 e L3; L1 e L3).

No que diz respeito à ordem das línguas e o número de orações com exos, quando cada língua é relacionada individualmente com o número de orações com exo, cada uma delas apresenta um cenário distinto. A comparação de exos por oração por língua correlaciona positivamente as orações em L1 à quantidade de exos. Contudo, correlaciona negativamente as orações em L2 à quantidade de exos e não mostra correlação entre as orações em L3 e a quantidade de exos.

Isso significa que, tendo como base os dados da presente pesquisa, L1 está aqui correlacionada com poucos exos (entre 0 e 2), ou seja, quanto maior a produção de orações em L1, maior a chance de haver exos, mas houve muito poucos. L2, por sua vez, está correlacionada com a produção de exos, o que sugere a tendência de L2 sempre

apresentar exos, contudo, como a correlação é negativa, quanto mais orações são produzidas em L2, menor será o número de exos. Por fim, L3 não estaria correlacionada com o número de exos – isto é, não existe correlação entre o número de orações produzidas e a quantidade de exos para L3.

Quando separada por língua, observa-se que a média de exos por oração em L1 é significativamente menor que em L2 e L3. E, entre L2 e L3 não existe diferença significativa na quantidade exos por oração. Isso se explica pelo fato de a quantidade de produção estar relacionada à ordem de aprendizado das línguas, como mostraram as Tabelas 1 e 3. A forma como interpretamos esse dado é que os sujeitos controlam melhor a L1 do que L2 e L3. Como consequência, conseguem produzir mais orações em L1. Disso decorre um menor grau de ILC. Contudo, para a relação entre L2 e L3, a ordem de aprendizado não é um fator determinante, como mostra o nível de significâncias para essas línguas na Tabela 3 (= 0,125).

### 5.3 Produção de exos e sua relação com as variáveis: distância

Uma vez apresentados os dados da direção da influência, passamos a examinar a distância entre as línguas e o surgimento de exos nos dados do experimento. Atribuímos menor distância para as línguas com maior compartilhamento ou semelhança nos sistemas e estruturas e, da mesma forma, maior distância para o menor compartilhamento. Tendo como base as gramáticas descritivas das línguas sob análise, tomamos o PB como língua de referência e estabelecemos a distância das outras línguas relativamente ao PB. Assim, o espanhol é a língua mais próxima tipologicamente, seguido do francês e, por fim, o inglês. A Tabela 4 mostra o surgimento de orações com exos por língua.

Tabela 4. Distribuição e frequência de orações com exos por língua

	PB		espanhol		francês		inglês		total
	no.	freq. rel. %	no.	freq. rel. %	no.	freq. rel. %	no.	freq. rel. %	no.
S1	0	0	9	81,81	-	-	2	18,19	11
S2	0	0	16	84,21	-	-	3	15,79	19
S3	2	11,76%	1	82,36	-	-	14	5,88	17
S4	0	0	1	88,88	-	-	8	11,12	9
S5	0	0	9	81,81	-	-	2	18,19	11
S6	0	0	-	-	4	100	0	0	4
S7	0	0	-	-	4	75	1	25	4
S8	0	0	-	-	1	33,33	2	66,66	3
S10	0	0	10	100	-	-	0	0	10
total	2	2,27%	46	52,27%	9	10,22%	32	36,36%	88

Fonte: Desenvolvida para este projeto

Conforme a Tabela 4, é possível verificar que o espanhol foi a língua que mais sofreu influência, tanto em números absolutos quanto relativos (46 e 52,27%). No caso do inglês, essa foi a segunda língua a apresentar mais exos (32 e 36,36%). Por fim, o francês experimentou menos exos (9 e 10,22%).

Assim, conforme os dados do experimento, é possível indicar que a língua tipologicamente mais próxima ao PB foi a que mais sofreu influência. Além disso, o espanhol é a L2 de dois sujeitos, S2 e S5; igualmente, é a L3 de 4 sujeitos, S1, S3, S4 e S10. Com isso, uma parte dos dados pode ser explicada pela maior quantidade de exos apresentados em L3, mas outra parte talvez indique que a ILC ocorre mais frequentemente com línguas de tipologia mais semelhante.

Além disso, quando se comparam as línguas (espanhol, francês e inglês) com a sua direção (se L2 ou L3), observa-se que, majoritariamente, não há diferença significativa na produção de exos, como mostra a Tabela 5.

Tabela 5. Relação entre as línguas, direção, produção de orações e exos.

	L1	orações	exos	exo/oração	L2	orações	exos	exo/oração	L3	orações	exos	exo/oração
S1	PB	30	0	0	ing	28	2	0,3246753	esp	25	9	1,6753246
S2	PB	29	0	0	esp	25	16	1,7206439	ing	16	3	0,2793560
S3	PB	46	2	0,3157894	ing	43	1	0,1578947	esp	24	14	1,5263157
S4	PB	27	0	0	ing	30	1	0,0689655	esp	20	8	1,9310344
S5	PB	21	0	0	esp	24	9	1,7058823	ing	15	2	0,2941176
S6	PB	59	0	0	ing	55	0	0	fra	43	4	2
S7	PB	28	0	0	ing	22	1	0,3333333	fra	16	3	1,6666666
S8	PB	44	0	0	fra	31	1	1	ing	33	2	1
S10	PB	28	0	0	ing	16	0	0	esp	26	10	1,52

TESTE DE WILCOXON para orações produzidas. Significativo ao nível: ingL2 x ingL3 = 0,131; espL2 x espL3 = 0,400; fraL2 x fraL3 = 0,347

TESTE DE WILCOXON para exos produzidos. Significativo ao nível: ingL2 x ingL3 = 0,048; espL2 x espL3 = 0,400; fraL2 x fraL3 = 0,444

TESTE DE WILCOXON para exos/oração. Significativo ao nível: ingL2 x ingL3 = 0,131; espL2 x espL3 = 0,267; fraL2 x fraL3 = 0,452

Fonte: Desenvolvida para este projeto

A Tabela 5 mostra que, em relação ao número de orações, não há diferenças significativas entre inglês como L2 e inglês como L3. Em relação ao número de exos produzidos, há diferença significativa entre inglês como L2 e inglês como L3 – ressaltando-se que esta foi a única diferença significativa para exos nas línguas investigadas, relativamente a serem L2 ou L3. Em relação ao número geral de exos por oração, não há diferença significativa entre inglês como L2 e inglês como L3. O teste de Wilcoxon foi aplicado aqui por se tratar de comparação de amostras não pareadas e não paramétricas (ing, esp, fra como L2 e L3).

No que diz respeito à distinção entre espanhol como L2 e espanhol como L3, não há diferenças significativas em nenhuma das variáveis: no número de orações produzidas, no número geral de exos, ou no número de exos por oração. O mesmo se verifica no cotejo entre francês como L2 e francês como L3: não se encontraram diferenças significativas nas variáveis número de orações produzidas, número de exos e número de exos por oração. A direção das línguas não influencia significativamente a produção de exos. Tampouco influencia a produção de exos por oração como mostra a Tabela 5. Somam-se a isso, ainda, os dados da Tabela 4, que indicam que a distância entre as línguas está relacionada significativamente à produção de exos, da seguinte maneira: quanto mais próximas, maior a ILC entre as línguas.

Um outro dado que pode contribuir com essa interpretação é a proporção de orações com exo quando comparadas com o número total de orações produzidas em cada língua, que pode ser visto na Tabela 6.

Tabela 6. Proporção de orações totais e normalização das orações com exo por língua

	espanhol		francês		inglês	
	totais	com exo	totais	com exo	total	com exo
no.	144	66	90	8	258	12
proporção	100	45,83%	100	8,88%	100	4,65%

Fonte: Desenvolvido para este projeto

A Tabela 6 mostra que, uma vez normalizadas as frequências de ocorrência, foram produzidos proporcionalmente cerca de 5 vezes mais exos em espanhol do que em francês e 11 vezes mais do que em inglês. Ainda, em francês foram produzidos cerca de 2 vezes mais exos do que em inglês. Assim, apesar de, em números absolutos, o inglês apresentar mais exos que o francês, proporcionalmente, a produção de orações com exo em francês foi maior. Consequentemente, os dados apresentados na Tabela 6 vão ao encontro daqueles da Tabela 5, que mostra não haver significância na produção de exos segundo a direção, mas apenas da distância entre as línguas.

Por fim, quando se comparam as produções de exos entre as línguas, duas a duas, tem-se os resultados apresentados na Tabela 7.

Tabela 7. Comparação da produção de exos entre pares de línguas.

comparação dos pares	exos (mediana)	nível de significância	exo/oração (mediana)	nível de significância
PB x ing	0 x 3	p = 0,039	0 x 0,090	p = 0,016
PB x esp	0 x 31	p < 0,001	0 x 1,340	p < 0,001
PB x fra	0 x 7	p = 0,009	0 x 0,372	p = 0,009
ing x esp	3 x 31	p < 0,001	0,090 x 1,340	p < 0,001
ing x fra	3 x 7	p = 0,141	0,090 x 0,372	p = 0,241
esp x fra	31 x 7	p = 0,012	1,340 x 0,372	p = 0,012

Fonte: Desenvolvida para este projeto

Como é possível observar, a Tabela 7 mostra que o número de exos produzidos em espanhol é significativamente maior que PB, inglês e francês. O mesmo é válido para a quantidade de exos por oração em espanhol. Já para o inglês, tanto o número de exos geral quanto a razão exo/oração foram significativamente maiores que PB e menores que espanhol. Por fim, para o francês, a produção foi significativamente maior que PB e menor que espanhol. A única comparação que não apresentou significância foi entre francês e inglês, apesar de, destaca-se, a produção em francês ter produzido proporcionalmente o dobro que o inglês.

## CONCLUSÃO

Como forma de atender às necessidades dos estudos sobre Influência Linguística Cruzada – do ramo multilíngue da Linguística Aplicada – no que diz respeito à maior sistematização do objeto de estudo, metodologia de investigação e subsequente consolidação de uma teoria sobre influência, a presente pesquisa teve como objetivo delimitar o fenômeno causador de ILC, denominado 'exo'. O fenômeno exo ocorre sempre em um ambiente multilíngue e pode ser definido como 'produção linguística de comportamento não-esperado atribuído a outra língua' (cf. Barros, 2020).

Para este trabalho especificamente, o interesse se concentrou em investigar duas variáveis relacionadas ao exo – a distância entre as línguas e a direção da influência. Para isso, formularam-se duas hipóteses: a distância das línguas está correlacionada à influência e a direção da influência depende da distância entre as línguas.

A metodologia consistiu na aplicação da exometria e por isso se dividiu em: (i) coleta de dados por meio de um experimento de produção com 09 sujeitos multilíngues (sendo L1 português brasileiro e L2 ou L3 espanhol, inglês ou francês); (ii) identificação dos exos; (iii) identificação da direção da influência; (iv) correlação entre a direção e a distância tipológica entre as línguas.

Após a apresentação dos dados, observa-se que cerca de 10% da produção apresenta exos, assim como, em média, são 0,17 exos por oração (com intervalo de 0,83). Contudo, não existe uma relação significativa entre o número total de orações e a quantidade de exos produzidos, salvo para o PB como L1. Esta informação abre espaço para futura investigação de outra variável – o grau de controle dos recursos das línguas (que pode estar associado a noções comuns de proficiência, performance etc.) – que pode explicar a falta de correlação entre quantidade de língua e quantidade de exos produzidas.

No que tange à direção, a L1 apresentou menos exos e a L3 apresentou mais exos. Contudo, ao se verificar estatisticamente a relação entre as orações nas diferentes línguas e a produção de exos, constatou-se que L1 apresentou menos exos que L2 e que L3. Quanto à comparação específica entre L2 e L3, pode-se afirmar, somente, que há uma tendência maior de produção de exos em L3, mas a ordem das línguas (i.e., L2, L3...Ln) não pode ser corroborada, pois, nesse caso, não houve diferença significativa.

Quanto à distância, os dados indicam que a distância tipológica é inversamente proporcional ao grau da influência. Em outras palavras, tomando o PB como parâmetro, quanto mais próximas as línguas são do PB, maior é, proporcionalmente, a quantidade de exos (espanhol 45,83%, francês 8,88%, inglês 4,65%). O mesmo se verifica comparando as línguas duas a duas: português menos que inglês; inglês menos que francês; francês menos que espanhol (ressaltando-se que somente a relação entre inglês e francês não possui significância, indicando apenas uma tendência). Dessa forma, a influência independe da ordem (L2, L3...Ln), fato que se vê corroborado por dois dados: (i) não houve diferença significativa na produção de exos por língua relativamente à direção; e (ii) o número geral de exos em espanhol foi significativamente maior que nas outras línguas, seguido de francês e inglês.

A partir dos resultados alcançados, foi possível corroborar a caracterização do exo como fenômeno que correlaciona com a ILC, uma vez que todas as línguas no ambiente multilíngue do experimento apresentaram perturbação na frequência esperada ou na descrição prevista. Além disso, por ser um fenômeno complexo, o exo possui componentes que podem variar e esta variação também foi observada nos resultados, dado que as influências não aconteceram de modo uniforme entre as línguas.

Como contribuições importantes do estudo, é possível apontar, de maneira geral, que a ILC, embora seja considerada um objeto de estudo no multilinguismo, é, na verdade, um “efeito colateral”, por assim dizer, do exo. Em outras palavras, o exo é um fenômeno inerente às línguas quando estas estão em um ambiente de contato com outras línguas, e esse fenômeno se manifesta de diferentes formas, dentre as quais destaca-se, por exemplo, na correlação entre tipologia e influência. De maneira mais específica, destaca-se a observação inédita desta pesquisa de que os exos e a ILC são mais frequentes entre línguas tipologicamente semelhantes – o que talvez não pudesse ser o esperado quando variáveis como proficiência são arbitrariamente tomadas como independentes (cf. Cenoz, 2003).

As implicações desta pesquisa estão em apresentar um elemento importante para uma futura unificação teórica dos estudos sobre ILC, e para os estudos multilíngues como um todo, nomeadamente, a identificação do seu objeto de investigação, o exo. Potencialmente, por conseguinte, questões observadas em áreas correlatas do multilinguismo tais como interlíngua no ensino, mudança (shift) na tradução e contraste na tipologia podem todos passar a ser compreendidos como manifestações do exo em contextos de produção distintos. A partir dos resultados deste estudo, novas frentes de pesquisa podem surgir, incorporando a exometria como um parâmetro de investigação multilíngue, na LE, Estudos da Tradução ou Tipologia.

Além de a pesquisa apontar para a investigação componencial do exo (aqui, de base linguística), abre ainda a possibilidade em pesquisas futuras para outros componentes (psico-sociais) serem integrados à análise, tais como o perfil dos sujeitos do experimento – incluindo proficiência, expertise em produção textual, formação e atuação profissional relacionada à língua, capacidade de metarreflexão, entre outras.

Assim, para transposições linguísticas – isto é, adaptar o conhecimento técnico sobre as línguas para um contexto de aplicação – no ensino de línguas contextualizado, nas tarefas de tradução, bem como em outros contextos de produção multilíngue, é possível compreender em que medida determinadas línguas vão ser influenciadas por variáveis componentes do exo e que o conhecimento sobre a influência pode ser útil para o planejamento de transposições linguísticas.

## REFERÊNCIAS

- AGRESTI, A.; FINLAY, B., *Statistical Methods for the Social Sciences*. 3th Edition. Prentice Hall, 1997.
- ALEXANDER, L. G. *Longman English Grammar*. Longman Group UK Limited, 1994.
- BARROS, A. K. Influência linguística cruzada na perspectiva da produção multilíngue: fatores que interferem na relação L1 – L2 – L3 – Ln quando o português brasileiro é a L1. 2020. 351 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAFFAREL, A., MARTIN, J., MATTHIESSEN, C. (eds), *Language Typology: A Functional Perspective*, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2004.
- CATFORD, J. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. London: Oxford Univ., 1965.
- CENOZ, J. *The effect of linguistic distance, L2 status and age on cross-linguistic influence in third language acquisition*. In J. Cenoz, B. Hufeisen, & U. Jessnes (Eds.), *Cross-linguistic Influence in third language acquisition: Psycholinguistic perspectives*. Clevedon, England: Multilingual Matters, 2001.
- CENOZ, J. Cross-linguistic influence in third language acquisition: Implications for the organization of the multilingual mental lexicon. In Buletin VALS-ASLA. *Bulletin Suisse de linguistique appliquée*. Université de Neuchâtel, 2003.
- CENOZ, J. *The influence of bilingualism on third language acquisition: Focus on multilingualism*. *Language Teaching*, 46, doi:10.1017/S0261444811000218, 2013, p. 71 – 86.
- CHISWICK, B.R.; MILLER, P.W. *Linguistic distance: A quantitative Measure of the Distance Between English and Other Languages*. IZA. Institute for the study of Labor, 2004.
- CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press. Second Edition, 1997.
- DE ANGELIS, G. *Third Additional Language Acquisition*. Multilingual Matters LTD. Clevedon, Buffalo, Toronto, 2007.
- DEWAELE, J - M., *Lexical inventions: French interlanguage as L2 versus L3*, *Applied Linguistics* , 19, 1998.
- ECKE, P. Lexical retrieval in a third language: evidence from errors and tip- of-the-tongue states. In J. Cenoz, B. Hufeisen and U. Jessner (eds) *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- FIGUEREDO, G. *Um estudo do conjunto multilíngue interpessoal português brasileiro/inglês*. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 35, nº 1, p. 139-166, jan- jun/ 2015.
- FONSECA, L.C.A. *Transferência léxico-semântica no multilinguismo*. 2014. 85f. (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- GRIES, S. *Statistics for Linguistics with R: a practical introduction*. 2ed. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2013.
- HASPELMATH, M. et al. *The World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press. (Martin Haspelmath, Matthew S. Dryer, David Gil, Bernard Comrie) xv + 695 pp and CD-ROM, 2005.



- HALL, C.; ECKE P. Parasitism as a default mechanism in L3 vocabulary acquisition”. In: Cenoz Jasone – Britta Hufeisen – Ulrike Jessner (eds.) *The Multilingual Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K. Some reflections on language education in multilingual societies, as seen from the standpoint of linguistics. In: HALLIDAY, M. A. K. *Language and Education*. London: Continuum, 2007
- HAMMARBERG, B. *Roles of L1 and L2 in L3 production and acquisition*. In J. Cenoz, B. Hufeisen & U. Jessner (Eds.), *Cross-linguistic influence in third language acquisition: Psycholinguistic perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001, p. 21 – 41.
- HEWINGS, M.; HAINES, S. *Grammar and Vocabulary for Advanced*. Cambridge University Press, 2015.
- HOUSE, J.. *Applied Linguistics*, Volume 41, Issue 1, February 2020, p. 10–29.
- KORDGIEN, O. Gramática sucinta de la lengua francesa. Método: Gaspey Otto Sauer. Herder Editorial. Espanha, 2004.
- LEMKE, J. *Semiotics and Education*. Monograph in Toronto Semiotic Circle Monographs Series, Victoria University, Toronto. 1984.
- LLORACK, E.A. *Gramática de la Lengua Española*. Real Academia Española, Editorial Espasa Calpe, 2000.
- MAHBOOB, A.; KNIGHT, N. *Applicable linguistics*. London e New York, 2010.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre Relations: Mapping culture*. Equinox. London: Oakville, 2007.
- MATTHIESSEN, C.; TERUYA, K.; WU, C. Multilingual studies as a multi-dimensional space of interconnected language studies. In: WEBSTER, J. (Ed.). *Meaning in Context: implementing intelligent applications of language studies*. London and New York: Continuum, 2008.
- MENDONÇA, M.R. *Um gênero quadro a quadro: a história em quadros*. Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 194-207.
- MOITA LOPES. *Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar*. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.
- RICHARDS, J.C.; SCHMIDT, R. *Language Teaching and Applied Linguistics*. Pearson Education limited – third edition, 2002.
- ROTHMAN, J.; GIANCASPRO, D.; HALLORAN, B. *English-Spanish Bilingual Learners of Portuguese as a Third Language: Non-Redundant Acquisition and its Typological Nature*, 2014.
- SELINKER, L.; GASS, S.M. *Second Language Acquisition: An introductory course*. Third Edition. Routledge: New York and London. Taylor and Francis, 2008.
- SHARWOOD, S.; KELLERMAN, E. Crosslinguistic influence in second language acquisition: An introduction. In E. Kellerman and M. Sharwood Smith (eds) *Crosslinguistic Influence in Second Language Acquisition*. New York: Pergamon Press, 1986, p. 1 – 9.
- SHUTTLEWORTH, M; COWIE, M. *Dictionary of Translation Studies*. Routledge. Taylor & Francis Group, London and New York, 2014.
- SLOBIN, D. I. Narrating Events in Translation. In D. Ravid; H. B. Shyldkrot (Eds.) *Perspectives on language and language development: Essays in honor of Ruth A. Berman*. Dordrecht: Kluwer, 1994.
- SOLIS, J. P. D. *Third Language Acquisition: Cross-Linguistic Influence from L1 and L2*. TFG Estudis Anglesos. Universitat Autònoma de Barcelona, 2015.
- SPOLSKY, B; HULT, F. *The Handbook of Educational Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2008.
- TAVAKOLI, H. *A dictionary of language acquisition: a comprehensive overview of key terms in first and second language acquisition*. Tehran: Rahmana Press, 2012.
- TREMBLAY, M.C., *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: The Role of L2 proficiency and L2 exposure*. University of Ottawa, 2006.
- WANG, T. *Cross-linguistic Influence in third language acquisition: factors influencing interlanguage transfer*. Columbia University Academic Commons, 2013.
- WEBER, J.; HORNER, K. *Introducing multilingualism: a social approach*. Oxon e New York: Routledge, 2012.

Recebido: 4/2/2023

Aceito: 8/11/2023

Publicado: 4/12/2023